



Formação profissional do enfermeiro e desafios éticos da profissão

Edison Luiz Devos Barlem¹

A enfermagem é caracterizada como uma prática moral em virtude da necessidade constante de tomar decisões e realizar escolhas éticas, as quais envolvem o respeito aos direitos e a garantia da autonomia dos pacientes, nem sempre identificando que suas ações ou omissões resultam em significativo impacto àqueles aos quais se desenvolve o cuidado. Há muitos fatores que tornam essas escolhas difíceis, como valores em conflito ou sentimentos de impotência frente às ações não consistentes com a própria consciência, demonstrando que na prática de cuidados, a motivação moral não é o único determinante das ações.

A origem destas dificuldades tem seu início na formação profissional, período de construção da subjetividade e competências necessárias aos futuros enfermeiros, em que é possível verificar clara valorização do exercício prático, da vivência em cenários reais de assistência como condições prioritárias para o desenvolvimento destas competências. A atuação clínica, por exemplo, se desenvolve por capacidades de avaliar, comparar, aferir, em que os olhos são treinados para ver o imperceptível a olhos leigos. Já a forma como a ética e a sensibilidade moral permeiam as competências são pouco exploradas, tampouco são discutidas as estratégias para ampliar/desenvolver suas dimensões⁽¹⁾.

As situações cotidianas do trabalho de enfermagem e as obrigações morais são percebidas de forma única pelos enfermeiros. No que se refere à prática profissional, identifica-se que a organização e o ambiente de trabalho da enfermagem parecem influenciar negativamente o cuidado prestado. Assim, apesar dos enfermeiros reconhecerem a necessidade de provocar questionamentos frente aos problemas, podem mostrar-se temerosos em fazê-lo, possivelmente pelo desequilíbrio de poder vivenciado nos ambientes de trabalho.

Diariamente, enfermeiros negam a dimensão ética dos problemas e obstáculos enfrentados, subestimando a realização de formas de cuidado realmente voltadas aos interesses e necessidades dos pacientes. Ao assumirem o compromisso moral de tomar decisões e exercer esse cuidado, os enfermeiros podem demonstrar que estão em uma posição única nas relações em saúde, podendo auxiliar os pacientes no esclarecimento dos objetivos dos seus tratamentos e cuidados, assim como na manutenção da autonomia e garantia da qualidade do atendimento, exercendo o que se conceitua como advocacia do paciente⁽²⁾.

Ao resgatar a formação profissional do enfermeiro e os desafios éticos da profissão, verifica-se a urgência em repensar o ensino da ética na formação, de forma permanente e indissociável a todas as práticas de saúde. Ainda, é imprescindível buscar desenvolver nos futuros enfermeiros um potencial de sensibilidade moral que permita identificar que o papel principal da enfermagem encontra-se relacionado indissociavelmente a advocacia do paciente, como atividade fundamental de uma enfermagem protagonista nos serviços de saúde.

Referências

1. Barlem ELD, Ramos FRS. Constructing a theoretical model of moral distress. *Nurs Ethics*. 2014. In press.
2. Mahlin M. Individual patient advocacy, collective responsibility and activism within professional nursing associations. *Nurs Ethics*. 2010; 17(2):247-54.

¹Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, RS, Brasil.